



Livia Hay
com ilustrações
da autora

As aventuras
do destemido
Cavaleiro
Laertes

Círculo
das Artes

**As
AVENTURAS
DO DESTEMIDO
CAVALEIRO
LAERTES**

Livia Hay
com ilustrações da autora

Copyright @ 2017 by Livia Hay
Copyright @ 2017 ilustrações by Livia Hay

Coordenação editorial e revisão de texto
Graciela Paciência

Projeto gráfico de miolo e capa
Elis Nunes

Assistente de produção
Marcelo Mota e Silva

Publicidade
Alexandre Tavares

Dados internacionais para catalogação

L785 Hay, Livia
As aventuras do destemido cavaleiro Laertes / Livia Hay - 1. ed. - São Paulo: Círculo das Artes, 2017. 92 pp.

ISBN 978-85-68782-06-4

I. Literatura infanto-juvenil. I. Título

CDD: 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2017]

CÍRCULO DAS ARTES

www.circulodasartes.com.br

contato@circulodasartes.com.br

facebook.com/circulodasartes

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Círculo das Artes Editora Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

A todos os nossos heróis.

Agradeço à minha família, aos amigos
e a todos que foram obrigados a ouvir falar
do e a ler sobre o Laertes durante o processo.

Aos irmãos Grimm, por inspirarem toda
a trajetória da minha infância.

E à minha professora do primário, que me ensinou
a diferenciar um cavaleiro de um cavalheiro.

Era uma vez um jovem lenhador. Penso que soa bem começar a história com uma frase tão emblemática¹! Por outro lado, essas três palavras juntas e logo no começo já estão um bocado clichê² e, nesse caso, seria melhor inovar, ou melhor, renovar essa antiga expressão de início de história. Ainda assim, uma parte relutante de mim deseja aferrar-se às tradições e, bem, como não pretendo deixar descontente nenhuma parte de mim, vou tentar novamente.

Era um lenhador uma vez. É isso. Agora não vou recomençar. Mas... pensando bem, outra vez, antes de sair por aí fazendo focas sobre o rapaz, talvez eu devesse explicar o que acontece a quem está chegando agora.

Então, esqueça a vez do jovem das lenhas. E agora, imagine-se vivendo em uma terra em que não há jogos virtuais, nem televisão, nem internet. Seria algo inconcebível. Meio monótono, você deve estar pensando – e eu não vou negar. Bem, agora,

1 Simbólica.

2 Frase muito comum que acaba sendo banalizada e vira um lugar-comum.

imagine que não há carros, poluição, nem edifícios cobrindo a vista do horizonte. Agora, imagine que o maior programa do fim de semana é assistir à uma justa³ entre cavaleiros e que as garotas passam o verão todo por aí arrastando umas saias imensas, cheias de pano. Aproveite para imaginar castelos de pedra e porta corredeira cercados de árvores frondosas com alegres passarinhos assobiando melodias coloridas.

A essa altura, aposto que você já está pensando que esta é mais uma história medieval sobre príncipes encantados. Ah, não, você está completamente enganado! Porque você acaba de entrar nas aventuras de Laertes, que não é príncipe e, de longe, não tem nada de heroico. Bom, não poderia exatamente dizer que ele é um mau-caráter – ou poderia? –, mas talvez, até o fim da história, você mesmo possa me dizer o que acha. Por outro lado, devo admitir que é, mesmo, uma história medieval e há, também, um pouco de realeza. Mas só um pouco.

E por falar em realeza, antes de apresentar o já quase famoso Laertes, prefiro começar contando sobre o anel de Fratário e o dia em que o rei Jeffrey convocou todo o reino para um anúncio.



O rei andava muito preocupado: não conseguia casar a princesa Muriel. Isso era um problema para ele, já que a moça não compartilhava da opinião do pai. É verdade que uma fila de pretendentes chegou a aparecer no castelo. Alguns diziam que as feições da jovem eram a pintura mais bem delineada que Deus já articulara nesse planeta; outros julgavam que a pequena era

3 Torneio típico da Idade Média e que ocorria entre dois cavaleiros armados de lanças que iam um na direção do outro com o intuito de desmontar o seu adversário.

um minimonstro de saias. Bem, nem mesmo seus olhos verdes encantadores e a pele macia podiam atrair por longo tempo. Eu não vou dizer que a garota era mimada, não, porque não gosto de fazer fofoca. Digamos que alguém comentou que toda vez que aparecia ervilha na mesa, a princesa irritava-se e jogava todo o banquete da ceia pelas paredes. E, quando nervosa, passava horas gritando histericamente e chegara até a socar sua ama de leite.

Os príncipes da região que a haviam visitado fugiram rapidinho. Mas o rei precisava dar um jeito naquilo. Assim, o monarca articulou um plano para resolver dois problemas de uma vez. O outro problema sempre havia sido o poderoso anel de Fratário – que o rei nunca vira – o único anel ainda existente, confeccionado com o metal mais poderoso do mundo, e que pertencia ao vizinho Reino Alegre. O famoso metal emite uma luz tão forte que pode ser visto a metros de distância. Se você estivesse agora no Reino Feliz dizendo que nunca ouviu falar no Fratário, provavelmente o tomariam como o bobo da corte; então, finja que você já sabia o que era. E o famoso anel também era conhecido de todos por causa da lenda de uma menina que fora raptada por um monstro e, os poucos heróis do Reino Alegre que tentaram salvá-la nunca mais voltaram. E, assim, o anel foi perdido para sempre nos domínios da tal criatura monstruosa.

Por esse motivo, o rei Jeffrey resolveu fazer um comunicado que seria levado aos quatro cantos do... – bem, não posso dizer “planeta”, porque as viagens naquela época demoravam bastante –, digamos, então, até os quatro cantos de até onde seus servos conseguissem correr sem morrer de cansaço.

– Além da Floresta dos Perdidos – começava o discurso do rei – fica o Castelo Negro, onde mora o ogro Nel. Como vocês





sabem, o maligno raptou a princesa do Reino Alegre para roubar-lhe o precioso anel de Fratário. Dessa forma, estou convidando todos os fidalgos honrados e corajosos que desejam enfrentar um desafio, que se apresentem em nosso Castelo Feliz! É hora de ajudar nossos amigos alegres! O herói desbravará a Floresta dos Perdidos e, derrotando o ogro Nel, trará para nós o anel que passará a pertencer ao nosso amado Reino Feliz! Seremos, então, o reino mais rico de todos! E o Reino Alegre ficará alegre o suficiente com a volta da princesa! Aquele que conseguir a façanha terá a honra de se casar com minha doce e gentil Muriel!

Jeffrey estava certo de que centenas de nobres ambiciosos apareceriam, estapeando-se para vencer o torneio. Só que o rei estava enganado. A verdade é que o povo achou foi muita graça no anúncio. Coisa mais besta, depois de tantos anos, querer o anel para quê? Ele nunca pertenceu ao Reino Feliz, de qualquer forma. Grande coisa o rei ser mais rico, quando estamos morrendo de fome! Os nobres cavaleiros honrados eram também muito inteligentes, e nenhum deles foi trouxa, ops, quero dizer, corajoso o suficiente de aparecer no Castelo Feliz no dia marcado. O rei mandou que se abrissem as portas para recepção dos magnânimos cavaleiros, mas deixou escapar um suspiro surpreso ao ver apenas um homem entrar no palácio.

Laertes voltara eufórico para casa naquela tarde. Seus pais, irmã e o melhor amigo não estiveram na praça para ouvir o comunicado do rei porque estavam na floresta, arrematando troncos de árvores. É um absurdo um morador do vilarejo perder o discurso de seu amável líder e não exercer suas obrigações de súdito! Mas não é fácil falar de obrigações e deveres quando há um sujeito de cuecas tingidas de rosa mandando em você e em toda a sua família, comendo banquetes de carne em travessas de ouro e descansando sua real cabeça em uma cama confortável de seda, enquanto você e sua família trabalham o dia inteiro para pagar a comida e a cama dessa pessoa folgada.

E era exatamente nisso que Laertes pensava, sempre que cruzava os lares de pessoas simples da vila, correndo em alto fôlego. Pensava em sua família cortando lenha quando o rei ordenava a seu “coçador” oficial de calcanhares a exercer sua função com um palitinho de ouro.

Esse parece ser o momento ideal para apresentação de nosso intrépido herói Laertes. Então, finalmente lá vamos nós: era um

lenhador uma vez. Ou será que eu deveria dizer que era uma vez um cavaleiro? Bem, depois eu decido. O importante é que era uma vez esse rapaz que, de agora em diante, fica sendo nosso herói. Mesmo que ele não seja um herói com letra maiúscula, podemos usar essa palavra de vez em quando porque ela soa bem.

Laertes é um jovem de 20 anos, alto, forte, magro, de cabelos longos da cor do sol, brilhantes e encaracolados caídos na altura do ombro. Seus olhos são do mais profundo azul, puxando-nos para o mar de seu ser. Laertes é um grande sonhador. É um rapaz como tantos outros, que trabalha porque tem de trabalhar, que adora uma farra e passa horas conversando com os amigos. É também um rapaz que valoriza a família –, mas jamais se permitiria flagrar em grandes acessos de carinhos explícito. Jamais! O pai, a mãe, a irmãzinha e as nove cabras significavam tudo para ele.

Os pais Morgan e Eleanor, com a pequena Wendy, já estavam voltando para casa quando encontraram o vizinho Winnifred, o melhor amigo de Laertes. Morgan, logo que avistou o rapaz esbelto, foi abrindo a porta e oferecendo passagem.

– Olá, Winnie! Não gostaria de entrar e tomar um pouco de... de... – o velho Morgan analisou, visualizando as possibilidades de despesa – ... de ar?

– Oh, claro! – respondeu o vizinho, já entrando.

Logo em seguida, quando já estavam todos bem confortáveis e ajeitados em uma única cadeira tomando um agradável ar, Laertes entrou esbaforido.

– Eu... preciso... dar... u... ma... no... tícia... – a falta de ar foi o suficiente para criar um clima de suspense, enquanto os quatro rostos famintos e curiosos observavam cada detalhe do corpo esguio à porta.

O jovem juntou todo o ar e também a coragem para anunciar de uma vez:

– Eu vou me casar!

Todos se entreolharam, confusos. Mas casar, assim? De repente? Ora, os quatro levantaram para parabenizá-lo e precisavam logo correr para dar um abraço em Mildred, a mocinha filha do carpinteiro.

– Mildred? Do que vocês estão falando? – Laertes cortou as comemorações. E apesar de alguns olhares furtivos e umas conversas de canto que tivera com a juvenzinha, não era nada daquilo – Não é com ela que vou me casar!

– Não? – foi o velho Morgan quem se precipitou – Então com quem, diabos?

– Com a princesa Muriel!

Morgan, Eleanor, Wendy e Winnie combinaram em uníssonos uma gargalhada gutural. Melhor piada que o bom Laertes já contou em anos, não? No entanto, o loiro permaneceu calado e sério, achando pouco caso do riso.

– É o que estou dizendo, depois de ouvir o discurso do rei.

O rapaz contou o que ouvira do monarca e resolveu que aquela proposta seria a salvação de todos.

– Veja bem, Laertes – Winnifred o desencorajou – como você mesmo disse, o rei convocou *cavaleiros* do Reino para um desafio. Ele não se referiu exatamente a *lenhadores*.

Ora, mas que importa? Quem iria descobrir? Ele sairia pela manhã cedinho escondido e o rei pensaria que ele viera de algum reino distante. É difícil se passar por príncipe sem ter reino, por nobre sem ser da nobreza, por cavaleiro sem nem sequer ter cavalo ou por lutador sem nunca ter tido uma espada. Isso, porém, era um mero detalhe decorativo.

Aquela era a única chance que todos, família e amigos, teriam de viver em paz! Laertes não teria de ver sua irmã de 15 anos com as mãos feridas de farpas de madeira, sua mãe, de ossatura frágil, carregando grossas toras ou o pai, já idoso, usando do machado para separar pedaços de árvore. E ele mesmo, que não era muito fã de trabalhar, não precisaria mais colocar a mão na massa – nem na madeira. Não precisariam temer os saqueadores, uns sujeitos folgados que apareciam de vez em quando para levar tudo o que custaram tanto para conseguir. Nem teriam de tomar cuidado com uns homens bêbados que apareciam batendo à porta, pedindo coisas e amedrontando Wendy. Diriam adeus às velhas refeições de papa de cereal e sopa de ervilha – isso quando elas existiam! – e aos trajas mal acabados de lã das ovelhas. Imagine só tomar vinho na ceia, usar uma túnica de seda e ainda comer bolo de laranja sempre que tivesse vontade! Poderia, também, ajudar os amigos Winnie e Wallace, as nove cabras, os vizinhos, primos, tios, cachorros, gatos, avós, irmãos e pais de amigos, tios dos vizinhos e primo do amigo do tio do papagaio. Pronto! Muito simples! Bastava passar-se por nobre, desbravar a floresta, cumprir com suas obrigações, arrumar um anelzinho, voltar para o Reino Feliz e casar com a chata da princesa e serem Ricos Para Sempre.

Bem, é verdade que Laertes era um pouco folgado, preguiçoso e não gostava de trabalhar. Também é verdade que era materialista e ambicioso. Toda vez que observava o Castelo Feliz de longe, na floresta, imaginava-se lá dentro, usando as roupas do rei – menos as cuecas cor-de-rosa usadas pelo rei – dormindo confortável, sendo abanado e ganhando uma massagem. Então Laertes percebia a realidade e, em vez de abano, recebia um safanão do pai, obrigando-o a voltar ao trabalho.

Mas, mesmo sendo folgado, preguiçoso, materialista e mentiroso, você há de convir que ele tinha razão em não achar divertido passar sua existência trabalhando para poder pagar um prato de comida, enquanto todos os impostos do Reino Feliz eram destinados a encher a pança de Jeffrey e seus colegas. E Laertes sabia: aquela era sua única chance de mudança. Nenhum deles, nenhum daqueles rostos amarelos e cinzas pendurados pelas janelas escurecidas poderia jamais brilhar ali.

– Filho, você está louco! – foi a vez de Eleanor – por anos o rei do Reino Alegre buscou a princesa do anel de Fratário, ninguém jamais a achou! O ogro é um assassino cruel, a Floresta dos Perdidos é um perigo sem-fim... por favor, filho, não faça isso! Não vai ser você quem vai mudar o mundo!

A senhora chorou e lamentou-se quieta. Os demais concordaram.

– Mãe, eu reconheço os perigos... mas pense bem: essa é nossa chance! Eu sei que pode me acontecer algo no caminho, mas é por uma boa causa! Pense no que poderá acontecer se eu conseguir!

Laertes também considerava que, se era para continuar naquela existência miserável e difícil, talvez morrer na mão do ogro não fosse um grande problema. Pelo menos ele tentava melhorar, nem que fosse para morrer tentando.

Apesar dos argumentos mais sensatos para dissuadi-lo dessa ideia insensata, o novo cavaleiro foi irredutível: era aquilo mesmo que queria. O próximo passo era o mais óbvio: procurar seu amigo Wallace, filho do ferreiro, e ter uma armadura e espada forjadas. É verdade que o amigo parecia ter mais jeito para feitiços do que para armas, mas Laertes não estava exatamente numa posição em que pudesse escolher demais – à espada dada não se olha o fio.

Forma de pagamento Laertes não tinha, mas pagava no crédito, prometendo ajudar o amigo assim que voltasse, caso retornasse vivo e com sucesso. Caso contrário... bem, amigo é para essas coisas, não é mesmo?

Atrás de Laertes vieram andando o velho Morgan, Eleanor, Winnie e Wendy, inquietos, até a casa da família do ferreiro. O amigo quase caiu para trás diante das novas.

– Casar com a princesa Muriel? – gritou o ruivinho miúdo, dentro de sua capa comprida – Mas o rei jamais permitiria!

Laertes explicou todo o seu plano de ascensão social meteórica dando o golpe do baú; e o outro, prevendo bons frutos, decidiu ajudar. A mãe de Laertes, quando viu Wallace assentindo, começou a chorar novamente, já imaginando o pior. Nada de choro, não há jeito! Foram encomendadas as peças, que o pequeno mago das armas passou a criar.

“Pronto! Sou um cavaleiro!”, pensou Laertes, mal escondendo a alegria ao imaginar a armadura pronta. Combinaram que tentariam manter segredo sobre o plano, para que a verdade não se espalhasse e chegasse aos ouvidos intrometidos do rei. Mas que nada! Laertes esqueceu-se de que seus vizinhos do Reino Feliz adoravam um mexerico. Em aproximadamente dois dias todos os servos do vilarejo já estavam sabendo. Se Laertes desistiu, com medo? Bem, o que você acha?



Num tempo distante, entre castelos, reis e fadas, entramos numa história encantada. Laertes é um lenhador ambicioso que almeja chegar à realeza. Quando o rei Jeffrey lança um desafio, o jovem vê sua oportunidade. Se conseguir atravessar a Floresta dos Perdidos, derrotar o ogro Nel e recuperar o anel de Fratário, poderá obter a mão da difícil princesa Muriel.

Agora, ele só precisa aprender a se passar por cavaleiro, tendo nada com o que contar, a não ser sua inteligência – além de um amigo de quatro patas e uma garota meio doida no caminho.

Será que nosso herói conseguirá alcançar essa façanha? Aliás, será que ele merece o título de herói?

Círculo
das Artes

